

Poéticas e políticas feministas e de gênero: Mariana Coelho, uma voz luso-brasileira

Rosana Cássia Kamita
Universidade Federal de Santa Catarina

A proposta deste texto é a de destacar a escritora e feminista portuguesa Mariana Coelho (1857-1954) e o papel preponderante que desempenhou no Brasil, em finais do século XIX e primeira metade do século XX. O estudo sobre a escritora foi desenvolvido durante o doutorado e se tornou um livro publicado no Brasil (Kamita, 2005), além de receber outros desdobramentos, como a pesquisa a ser efetuada nos arquivos da Universidade de Lisboa sobre a colaboração de Mariana Coelho no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932), no âmbito do projeto de investigação “As Senhoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, realizado pelo CLEPUL (Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

A escritora veio ao Brasil em 1892, e como ela mesma dizia “de lá trazia como herança paterna os princípios de sua vocação literária”. Dentre suas várias publicações, destaca-se o livro *A Evolução do Feminismo: subsídios para a sua história* (Coelho, 2002a), publicado em 1933, o qual atesta sua atuação em defesa da emancipação feminina, que se deu através de seu trabalho como educadora, escritora e defensora dos direitos da mulher. Nesse livro, mas não apenas nele, a escritora demonstrava firme convicção de que poderia contribuir de modo decisivo para a modificação dos padrões que regiam a sociedade. Os momentos de exasperação – “Sempre a mulher mergulhada na noite eterna dessa maldita inferioridade!” – cediam logo espaço para a certeza de que o tempo e a evolução social estabeleceriam uma nova relação entre os sexos, baseada na equidade e no respeito mútuo. Apesar de sua intensa participação tanto em relação ao feminismo quanto em relação à literatura, foi necessário um trabalho de resgate da escritora no início do século XXI. Após a publicação da tese no Brasil, intitulada *Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho* (Kamita, 2005), e do convite para preparar um livro sobre a escritora a ser publicado em Portugal através do referido projeto do CLEPUL, cumpre agora, após mais de uma década, pensar sobre esse trabalho de resgate e sobre a atual repercussão de sua vida (dedicada às causas feministas) e de sua obra (ampla, em diferentes gêneros literários e com acentuada abordagem crítico-social).

Mariana Coelho nasceu em Portugal, em 10 de setembro de 1857, em Vila de Sabrosa, distrito de Vila Real¹. Partiu de Portugal ao Brasil em 1893, onde veio a falecer em Curitiba, Paraná, em 29 de novembro de 1954.

Sua produção literária foi bastante vasta, passando por diferentes gêneros literários. A escritora publicou as seguintes obras: *Discurso*, em 1902; *O Paraná Mental*, em 1908; *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*, em 1933; *Um brado de revolta contra a morte violenta*, em 1935; *Linguagem*, em 1937, *Cambiantes*, em 1940; e *Palestras educativas* (obra póstuma), em 1956. Destaque-se, ainda, sua colaboração em vários periódicos, em seu país natal e no Brasil, como: *O Comércio de Vila Real*, *Jornal da Manhã*, *A Voz Pública* e *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, em Portugal. No Brasil: *Diário do Comércio*, *A República*, *O Cenáculo*, *Almanaque Paranaense*, *Gazeta do Povo*, *Almanaque do Paraná*, *A Pena*, *O Sapo*, *O Beijo*, *Breviário*, *Diário da Tarde*, *Folha Rósea*, *Olho da Rua*, *Fanal*, *A Bomba*, *Comércio do Paraná*, *Senhorita*, *Prata da Casa*, *A Sempreviva*, *O Estado do Paraná*, dentre outros.

O impacto causado pela chegada de Mariana Coelho ao Paraná, no Brasil, no final do século XIX, se faz sentir especialmente quando se tem conhecimento das condições histórico-sociais desse contexto. Em meados de 1850, a comarca contava em torno de sessenta mil habitantes, as condições de vida da população paranaense eram precárias e limitadas, a falta de comunicação dificultava o desenvolvimento e o progresso econômico e social era lento, carecendo de serviços básicos. Mesmo Curitiba, local onde a escritora passou a residir, estava longe de oferecer condições ideais de vida para a população, o que remete a pensar sobre as condições culturais da época. O primeiro periódico oficial, o *Dezenove de Dezembro*, surgiu em 1853, no qual, além das publicações oficiais, havia espaço para textos sobre economia, história e mesmo literatura.

Após, surgiram também outros periódicos, dentre eles: *Povo*, *Fênix*, *Imprensa Livre* e *Operário da Liberdade*. Foram publicações de cunho político e geralmente de curta existência. O surgimento das primeiras manifestações literárias ocorreu principalmente através dos filhos das famílias mais abastadas que estudavam fora e traziam ideias novas, ensejando a valorização das manifestações culturais. No entanto, esses primeiros tempos não favoreceram uma valorização maior da literatura, uma vez que a atenção se concentrava principalmente na política e em meios que garantissem a infraestrutura básica para o desenvolvimento local. Se, por essa época, havia uma literatura incipiente mesmo nos centros mais desenvolvidos, como Rio de Janeiro, por exemplo, ainda maiores eram as dificuldades no interior do Brasil.

¹ Recentemente, em visita ao seu local de origem, houve a oportunidade de confirmar seu batismo na Igreja de Cumieira.

Por esse tempo, houve as primeiras iniciativas oficiais para que se garantisse a formação educacional, com a instalação de escolas. À medida em que a população tinha acesso à instrução, sobreveio também um interesse e valorização maiores para com a leitura e a literatura. Foram fundados clubes, sociedades literárias e bibliotecas. A partir de então, deu-se início a uma produção literária que avançou no decorrer do tempo e que receberia a contribuição de Mariana Coelho, o primeiro vulto feminino a merecer a atenção de Rocha Pombo, uma referência intelectual do período:

Na capital do Paraná trabalham ainda distintos espíritos adventícios, como o Sr. Abel de Hamvultando (em cuja alma insondável e misteriosa, pressentimos que há, latentes, originalidades e impulsos, aproveitáveis) e D. Mariana Coelho, distinta poetisa e prosadora correta e fluente, tão digna de simpatia e de estima pela perseverança e fanatismo com que trabalha. (Pombo, 1980: 75)

Mariana Coelho, merecedora de elogios da parte de Rocha Pombo, escreveu, em 1908, o livro *O Paraná Mental*, no qual reflete sobre a produção cultural paranaense. O cunho da obra era inédito no estado e tomou-lhe vários anos de estudos e pesquisas, ao traçar os aspectos relevantes nas áreas de literatura, teatro e artes plásticas. A autora assim registrou:

Impelida pelo veemente e justo desejo de provar minha grande dedicação a este belo e hospitaleiro estado, resolvi dar a lume um livro em que salientasse o lisonjeiro e respectivo desenvolvimento da arte paranaense, e onde coligisse tudo que sobre a mentalidade de alguns de seus ilustres filhos tenho escrito. (Coelho, 2002b: 23)

Curitiba foi a cidade na qual Mariana Coelho desenvolveu suas atividades intelectuais, em especial nas primeiras décadas do século XX, período de maior produção literária da escritora, e que marcou também um grande fluxo imigratório, acentuando o perfil europeu da cidade. A vinda desses estrangeiros contribuiu para a modernização desse espaço, não apenas em seu aspecto urbano, mas também intelectual.

Uma dessas preocupações dizia respeito a ampliar e aprimorar o ensino no estado. Em Curitiba, a par das instituições de ensino público, havia várias escolas particulares, grande parte delas de feição laica e progressista. Fundado em 1906, por Mariana Coelho, o Colégio Santos Dumont estava entre os de maior prestígio. Sua fundadora acreditava que o acesso à educação seria fundamental para a emancipação das mulheres, e sua atuação foi determinante nesse sentido, privilegiando os ideais de livre pensamento e propugnando pelo direito à reflexão fundamentada na razão, mas sem curvar-se a pensamentos dogmáticos.

Essa contextualização do local onde Mariana Coelho passou a residir no Brasil é referencial para que se compreendam os desafios apresentados pela época e sua atuação preponderante para

que a sociedade do período reavaliasse o papel dos gêneros, assim como considerasse as primeiras reivindicações da pauta feminista. A escritora teve ação destacada não somente no lugar onde passou a residir, mas manteve-se durante todo o tempo ativamente conectada com outros setores no Brasil e no exterior, empreendendo diversas viagens e trocando grande volume de correspondência. Mariana Coelho se sobressai justamente por seu vanguardismo e por sua atuação fundamental no campo feminista, através de seus textos literários e ensaísticos, palestras proferidas, participação nos principais eventos feministas, no Brasil e no exterior.

Nesse sentido, ainda mais se destaca o “apagamento” de um trabalho tão exaustivamente executado, enquanto escritora, intelectual, educadora. Somente uma análise crítica permite tentar compreender que seu nome tenha se tornado menos conhecido, em um processo similar ao ocorrido com outras escritoras de relevo do período, como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), por exemplo.

Dentre os trabalhos de resgate literário realizados no Brasil, destacam-se os três volumes sob o título *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizado por Zahidé L. Muzart, publicados em 1999, 2004 e 2009, respectivamente. Esse trabalho foi possível devido à rede formada por várias pesquisadoras de diferentes locais, empenhadas em redescobrir e reavaliar a literatura feita por mulheres no século XIX, contribuindo decisivamente para a história da literatura brasileira. Dentre os capítulos da antologia, consta o de Mariana Coelho, uma das referências a abrir as perspectivas para a tese sobre sua obra, por mim realizada e publicada em 2005, no Brasil.

Não é o caso de pensar que essas escritoras estejam completamente esquecidas, mas de refletir como foram representativas em sua época e que seus nomes hoje dependem de um rigoroso e constante trabalho de resgate para que permaneçam em evidência e suas obras possam se manter acessíveis. Esses mecanismos passam por uma visão mais ampla, que permite perceber o papel social secundário das mulheres, como todos os estigmas de gênero já bastante debatidos, a subversão de algumas delas no passado e a conveniência de que se tornassem invisibilizadas na atualidade. A história em geral, e a história da literatura em particular, costumam tratar a participação feminina como menos importante, ressaltando a contribuição ainda tão arraigada de sua “natureza”, enaltecendo o papel de mãe, cuidadora e abnegada. A sociedade ainda é fortemente androcêntrica, e mesmo se considerando as conquistas da referida pauta feminista é possível perceber como esses avanços carecem de consolidação.

Os tempos atuais têm evidenciado esses mecanismos tão fortemente construídos, através da onda de retrocessos e conservadorismo que tem crescido de forma alarmante em alguns países, com movimentos que incentivam a intolerância e o preconceito. O cenário presente no Brasil é um exemplo nesse sentido, onde o conceito de gênero passou a ser conhecido como “ideologia de

gênero” e uma ameaça à família tradicional. Também a legislação referente aos direitos reprodutivos das mulheres está sob reavaliação, com vistas a se tornar ainda mais cerceadora do que já se apresenta. Seriam muitos os exemplos a serem citados, mas vale ressaltar a ameaça constante ao estado laico e democrático, o que gera uma estupefação e a necessidade premente de uma avaliação crítica e posicionamento de resistência frente a essas circunstâncias.

A exposição desse panorama atual mostra como a atuação de Mariana Coelho no final do século XIX e primeiras décadas do século XX foi tão importante. Certamente exigiu coragem e grande força de princípios, o que se pode inferir a partir do registro da própria escritora:

Se uma mulher se destaca do vulgar, dando à sua inteligência um cultivo mais elevado; se tem o arrojo de iniciar-se nos irresistíveis segredos da Arte, manifestando em qualquer assunto desta – principalmente a literatura – a sua organização artística, quando aparece em público é ainda, para a segunda classe a que me refiro, motivo de sorrisos alvarmente *inteligentes*, de frases saturadas de ridículo, aparecendo muitas vezes que, quando ela atravessa uma rua, atrai a curiosidade de quem vai ver o *urso!* (Coelho, 2002b: 93)

Questões como essa foram abordadas, direta ou indiretamente, em toda a obra da escritora, em especial no livro *A Evolução do Feminismo: subsídios para a sua história* (Coelho, 2002a), publicado em 1933. Os títulos dos capítulos do livro permitem perceber as principais abordagens propostas na obra: “Emancipação feminina”, “A mulher na religião”, “O civismo da mulher na guerra”, “A mulher na política e na administração”, “A mulher nas ciências, nas artes e nas letras”, “A ação da mulher na imprensa”, “A mulher nas diversas modalidades do amor”. Esses títulos remetem a questões de grande importância para o feminismo, ainda mais se for considerada a data de sua publicação. Os enfoques perpassam por questões relativas ao divórcio, à violência contra a mulher, a prostituição, o acesso à educação e ao trabalho, dentre outras, sempre com o rigor que caracterizava seu trabalho. Em um texto publicado à época, destacou-se:

Toda a mulher deve ler “Evolução do Feminismo” onde encontrará a sua história e a razão que a todas assiste de serem feministas. Ali verá quantas das suas irmãs iluminadas pela luz da ciência e da história, com coragem e perseverança inauditas trabalharam pela vitória das ideias que hoje nos felicitam a todas. Mariana Coelho merece o reconhecimento de todas nós, mulheres, a quem ela oferece uma bíblia das suas liberdades e dos seus direitos. – 7/2/934. Ermelinda dos Stuarts Gomes – Africanista e indianista portuguesa. – (Do *Diário de Coimbra*). (Coelho, 1940: 132-133)

São muitas as qualidades de Mariana Coelho, assim como fundamental sua influência à época, bem como as ressonâncias de sua contribuição. O seu tempo muito lhe exigiu, e a convicção na validade de seus ideais lhe permitiu afirmar: “não subordino o meu ‘modo de ver’ ao de pessoa alguma, por mais autorizada que pareça.” (Coelho, 1940: 45).

Em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf (1985) discorre sobre as mulheres e a ficção, destacando que havia territórios “sagrados”, como a universidade e a biblioteca, e que as mulheres só poderiam reivindicar esses espaços a partir do momento em que possuíssem “quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta”. Essa célebre assertiva mostra-se bastante realista e fundamental, ao menos em um primeiro momento. Em um primeiro momento, uma vez que a autora ainda estava cogitando sobre a incursão feminina no campo literário, o que, por si só já era uma atitude transgressora, ainda no início do século XX. No entanto, o tempo tem evidenciado que não basta poder escrever e publicar, há que se ponderar sobre o poder político dessa presença. O espaço legitimado de participação deve considerar, dentre outros, a produção, os meios e a recepção crítica dessas obras.

A produção literária passa por toda uma herança cultural bastante restrita para as mulheres. Se há as que escreveram, há, mas são poucas as que são canonicamente reconhecidas, e assim não é possível evidenciar que a área da literatura seja acessível à participação feminina. Conforme aponta Regina Dalcastagné (2010), no período de 1990 a 2004, 72,7% dos romances publicados no Brasil foram escritos por homens, brancos, de classe média, intelectuais do eixo Rio-São Paulo. O percentual é bastante impactante e revelador das distorções que se mantêm.

Essa pesquisa referida considera as maiores editoras do período, ou seja, aquelas que mais figuram em publicações distinguidas com prêmios e presença constante em lista de obras literárias para vestibulares, dentre outros canais de referência. Porém, há muitas escritoras publicando, no entanto, em editoras menores, o que não significa uma qualidade inferior, mas certamente uma distribuição mais restrita de seus livros, menor tiragem de exemplares, fatores que influenciam no contingente de público leitor.

Além desses meios canônicos e alternativos de publicação, cumpre pensar na crítica literária. Principalmente através do feminismo, foi possível reavaliar a estrutura social e os diferentes papéis de gênero nela exercidos. Essa reavaliação é constante e dinâmica, abrangendo diferentes setores, dentre eles, a literatura e as diversas formas de se receber e avaliar uma obra. Geralmente, esses parâmetros se referem a regras canônicas universalizantes, as quais tomam como paradigma os escritores. Compreender a literatura de autoria feminina passa pela subversão de uma crítica literária tradicionalista e conservadora. Assim, é preciso ler essas obras observando-se os aspectos anteriormente ressaltados e compreendendo sua importância a partir de óticas diferentes. Dessa maneira, é fundamental a contribuição da crítica literária feminista, ao propor uma outra forma de leitura e análise e reconhecimento das nuances histórico-político-culturais que delineiam a escrita de autoria feminina.

Cumprir destacar que ao utilizar o termo mulheres, há o reconhecimento das interseccionalidades que caracterizam os traços identitários femininos, marcados pelas diferenças culturais, raciais e étnicas, sociais, geracionais, dentre outras. E ainda, que ao se empregar feminismo, usa-se um singular que acolhe uma intensa pluralidade, a qual, longe de ser um problema, enriquece e potencializa as muitas linhas argumentativas que procuram assumir uma postura compreensiva e propositiva. O feminismo e as relações de gênero e suas implicações éticas e estéticas têm contribuído sistematicamente ao longo do tempo em um sentido amplo, cultural e social, mas também no que concerne às poéticas e políticas do campo literário, enfatizando que as diferenças devem ser percebidas no plano horizontal, sem hierarquizações limitantes e excludentes.

Retomar a pesquisa sobre Mariana Coelho é excelente oportunidade para avaliar criticamente esse cenário literário, ainda tão controverso, feito de conquistas e retrocessos. Vozes dissonantes podem, porventura, serem mais toleradas em determinados momentos, mas seu caráter de subversão as fazem serem reconhecidas como uma espécie de ameaça potencial a uma ordem instituída. Essa perspectiva auxilia a compreensão da necessidade de resgates de escritoras e a pertinência desse trabalho, no sentido de se considerar a literatura como integrante de uma estrutura social, em um movimento dinâmico de integração, o qual possibilita uma reavaliação constante e a intervenção nessa estrutura.

A literatura de autoria feminina, tanto a do passado quanto a do presente, impulsiona uma maneira diferente de interação com os textos. Essa perspectiva diferenciada incide em três eixos fundamentais: teoria, crítica e história. Desse modo, a teoria literária feminista reavalia e propõe novas formas de pensamento em relação à literatura, em uma interação dialógica entre áreas diversas, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, dentre outras. No âmbito da crítica literária feminista há a oportunidade de ler determinadas obras com um olhar ao menos mais isento do grande peso da tradição literária, percebendo nuances, valorizando manifestações que marcam certa espécie de ruptura ou fissura nas formas mais convencionais de se compreender a literatura. Por fim, a história da literatura pelo viés feminista reivindica um espaço plural, inclusivo, diverso e politicamente reconhecido. Assim, Mariana Coelho – apropriando-me de uma expressão que ela mesma utilizava para as pessoas que considerava especiais, uma mulher “de escol”, e tantas outras escritoras até hoje, impulsionam o campo literário em suas várias vertentes, em um movimento dinâmico e crítico, tanto de seu próprio fazer quanto do contexto maior ao qual pertence. Os estudos feministas e de gênero se situam no espaço da visibilidade da diferença, no sentido da legitimação e reconhecimento dessa área de pesquisa.

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, S., [2000]. *O segundo sexo*. 2 vols. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BUTLER, J., [2003]. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COELHO, M., [2002a]. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. 2ª ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- COELHO, M., [2002 b]. *O Paraná mental*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- COELHO, M., [1940]. *Cambiantes (contos e fantasias)*. Curitiba: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.
- DALCASTAGNÈ, R.; LEAL, V. M. V. (org.), [2010]. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte.
- DEL PRIORE, M. (org.), [2000]. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- DUARTE, C. L.; DUARTE, E. A.; ALEXANDRE, M. A., [2010]. *Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala, NEIA.
- GILBERT, S.; GUBAR, S., [1998]. *La loca del desván: las escritoras y la Imaginación literaria del siglo XIX*. Madrid: Ediciones Catedra.
- HOLLANDA, H. B. (org.), [1994]. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- KAMITA, R. C., [2005]. *Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- KLINGER, D., [2014]. *Literatura e Ética: Da forma para a força*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- MOI, T., [1988]. *Teoria Literaria Feminista*. Madrid: Ediciones Catedra.
- MUZART, Z. L. (org.), [1999/2004/2009]. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC. Volumes I, II e III.
- MUZART, Z. L., [2003]. Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim. In: BRANDÃO, I.; MUZART, Z. L. (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- POMBO, J. F. R., [1980]. *O Paraná no centenário: 1500-1900*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná.
- SANTOS, P. L., [1985]. *Sesquicentenário da poesia paranaense: antologia*. 2. ed. Curitiba: Academia Feminina de Letras do Paraná.
- SCHMIDT, R. T. (org.), [1997]. *(Trans)Formando identidades*. Porto Alegre: Palotti, 1997.

SCHMIDT, R. T., [2009]. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. In: SCHOLLHAMMER, K. E. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SCOTT, J., [1990]. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, n. 2, jul-dez., p. 5-22.

SHOWALTER, E., [1999]. The Female Tradition. In: *A Literature of Their Own*. New Jersey: Princeton University Press.

TRINDADE, E. M. C., [1996]. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural.

WOOLF, V., [1985]. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.